

CAPÍTULO – V

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente capítulo iremos proceder à discussão dos resultados, apresentados no capítulo anterior, com o intuito de uma melhor compreensão do seu significado, estabelecendo associações com outros estudos analisados no capítulo da revisão da literatura.

A principal finalidade deste estudo é verificar as atitudes dos alunos face à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física.

Com base nos resultados obtidos, através da análise descritiva das variáveis, podemos concluir que em 193 indivíduos da amostra em estudo, 53,9% (N=1104) são do género masculino e 46,1% (N=89) do género feminino, ou seja, é constituída maioritariamente por alunos do género masculino.

No que respeita à variável idade, verificamos verifica-se que a maior percentagem, 58,5% (N=113), pertence à idade de 13 anos, seguido do 23,8% (N=46) referente ao grupo dos 14anos de idade, e do grupo dos 12 anos (7,8%), (N=15). Com 6,7% e 2,1%, aparecem os grupos de 15 (N=13) e 16 (N=4) anos respectivamente, e com apenas com 1% vem o grupo de 17 anos de idade (N=2).

Analisando a variável família ou amigos com deficiência, apuramos que 56,6% (N=115) não tem familiares ou amigos com algum tipo de deficiência e, 40,4% (N=78) dos inquiridos, já tiveram vivências com familiares ou amigos com algum tipo de deficiência.

Quanto à variável turma com colega com NEE, verificamos que a amostra é maioritariamente com alunos que não tiveram colegas com NEE na turma, ou seja 74,6% (N=144) e, 25,4% (N=49) já tiveram um colega com NEE na turma.

No que concerne à variável aula de Educação Física com colega com NEE, verificamos que 74,1% (N=143) da nossa amostra nunca teve nas aulas de Educação Física um colega com necessidades educativas especiais e, 25,9 % (N=50) que já teve um colega com necessidades educativas especiais na turma.

Relativamente ao nível de competitividade, verificamos que 67,4% (N=130) da nossa amostra se considera mais ou menos competitiva, seguindo-se os não

competitivos com 16,6% (N=32), aparecendo os muito competitivos com um valor muito próximo dos não competitivos 16,1% (N=31).

Através da análise da estatística inferencial, constatamos que as atitudes entre género não apresentam diferenças estatisticamente significativas, o que nos leva a rejeitar a H_1 (As alunas têm uma atitude mais favorável à inclusão de alunos com deficiência do que os alunos). Tal facto regista-se tanto no pré como no pós teste. Este resultado vai de encontro aos estudos realizados por Panagiotou et al. (2008), demonstrando não existirem diferenças estatisticamente significativas entre alunos do género masculino e feminino. No entanto, outros estudos apresentaram conclusões distintas, como o de Tripp et al. (1995), Slininger et al. (2000), Block e Obrusnikova (2007) e Van Biesen et al. (2006), que confirmaram haver diferenças estatisticamente significativas quanto ao género. No entanto verificamos que no género masculino os valores médios são superiores ao do género feminino, à excepção dos resultados na variável atitude face à alteração de regras no pós teste.

A inconsistência entre os resultados dos estudos referidos anteriormente, relativamente ao género, parece necessitar de novas abordagens, no sentido de perceber que factores estão subjacentes á existência desta inconsistência.

No nosso estudo e em relação ao género, verificamos que existem diferenças estatisticamente significativas na atitude específica face à Educação Física no pós teste, no entanto verifica-se uma atitude significativamente superior no género masculino, o que nos leva a rejeitar a H_2 (As alunas têm uma atitude específica face à Educação Física mais favorável à inclusão de alunos com deficiência do que os alunos). Ainda relativamente à variável género e à atitude face à alteração de regras, não houve diferenças estatisticamente significativas, quer antes, quer depois da semana de intervenção. No entanto é de referir que no pré teste os valores médios são superiores no género masculino ao contrário do que acontece no pós teste, onde se registam valores médios superiores no género feminino. Estes resultados levam-nos a rejeitar a H_3 (As alunas têm uma atitude face à alteração de regras mais favorável à inclusão de alunos com deficiência do que os alunos).

Relativamente a estudos anteriores, não é possível realizar nenhuma comparação relativamente ao género e à atitude específica face à Educação Física e à alteração de regras, uma vez que estudos anteriores não focaram estas duas variáveis. Face aos

resultados apresentados, deparamo-nos com uma conclusão inesperada, visto que o género feminino geralmente apresenta atitudes mais positivas do que o género masculino, como referem Tripp et al. (1995). Slininger et al. (2000), Block e Obrusnikova (2007) e Van Biesen et al. (2006), no entanto isto não se verifica no nosso estudo, talvez pelo facto de os estudos já realizados terem como amostra outras fchas etárias.

Em relação à variável família e amigos, podemos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas, para atitude total, atitude específica face à Educação Física e a atitude face à alteração de regras, quer antes da semana de intervenção quer depois dessa semana, facto que nos levou a rejeitar as hipóteses H_4 (Os alunos que têm familiares ou amigos com deficiência, têm atitudes mais favoráveis à inclusão de alunos com deficiência), H_5 (Os alunos que têm familiares ou amigos com deficiência, têm atitudes mais favoráveis à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física) e H_6 (Os alunos que têm familiares ou amigos com deficiência, têm atitudes mais favoráveis face à alteração de regras). Estes resultados diferem dos resultados apresentados por Hutzler (2003) e Hutzler e Levi (2008), que fazem referência ao facto de ter algum familiar ou amigo com deficiência, está relacionado com atitudes mais positivas face à inclusão. No entanto estes estudos não realizaram uma divisão das variáveis dependentes em tantas sub escalas, como o nosso estudo. Apesar de as diferenças não serem significativas, os valores médios são sempre superiores, quer no pré quer no pós teste, para os alunos que têm familiares ou amigos com deficiência. Uma justificação para este resultado pode interpretar-se com o facto de os alunos poderem ter vivenciado más experiências, uma outra justificação, que refuta a anterior, pode-se ligar ao facto de actualmente os alunos já estarem mais predispostos para a inclusão.

Relativamente à variável turma e em relação às diferentes variáveis dependentes, constatamos que não existem diferenças estatisticamente significativas em nenhuma delas, tanto no pré teste como no pós teste. É de referir que apenas no pré teste e em relação à variável atitude específica face à Educação Física, os alunos que não têm na turma alunos com deficiência apresentam valores médios ligeiramente superiores. Face a estes resultados, refutamos as hipóteses H_7 (Os alunos que têm na turma colegas com

deficiência, têm atitudes mais favoráveis à inclusão de alunos com deficiência), H₈ (Os alunos que têm na turma colegas com deficiência, têm atitudes mais favoráveis à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física) e H₉ (Os alunos que têm na turma colegas com deficiência, têm atitudes mais favoráveis face à alteração de regras). Mais uma vez os resultados diferem dos suportados pelos estudos de Murata et al. (2000), Slininger et al. (2000) e Hutzler e Levi (2008), referem que os alunos que tiveram contacto prévio com alunos com deficiência exibiram menor atrito face à inclusão destes nas aulas de Educação Física. Podemos concluir, tal como na variável familiares ou amigos com deficiência, os resultados são de certa forma inesperados. No entanto, tal como refere Panagiotou et al. (2008) não há suficientes estudos científicos que contribuam para uma conclusão generalizada, por isso é muito pertinente e urgente mais investigações neste domínio.

Quanto à análise da variável aula de Educação Física e em relação à variável dependente atitude total no pré e pós teste, registam-se diferenças estatisticamente significativas, o que nos leva a aceitar a H₁₀ (Os alunos que têm colegas com deficiência nas aulas de EF têm atitudes mais favoráveis à inclusão). Estes resultados são suportados pelos estudos de Slininger et al. (2000) e Hutzler e Levi (2008), mostrando que alunos que possuam colegas com deficiência nas aulas de Educação Física, são mais entusiastas para a inclusão que os colegas que não possuam essa experiência. Constata-se também que os valores médios no pré teste são superiores ao pós teste. Este resultado pode justificar-se pelo facto de os alunos terem já a percepção do que é ter um colega com NEE. Essa experiência leva-os a ser mais compreensivos com as dificuldades dos outros, daí terem atitudes mais favoráveis do que aqueles que não passaram por essa vivência.

Relativamente à variável dependente atitude face à alteração de regras, também aqui se verificam diferenças estatisticamente significativas, o que nos leva a aceitar a H₁₂ (Os alunos que têm colegas com deficiência nas aulas de EF têm atitudes mais favoráveis face à alteração de regras). É de referir o facto de os valores médios nesta variável serem superiores no pré teste. Este resultado deve-se provavelmente ao facto de que as adaptações nas regras desviem os alunos dos altos resultados de competição e desafio. Os resultados do nosso estudo carecem de uma comparação, uma vez que os estudos já realizados não efectuaram uma divisão das variáveis dependentes em tantas

sub escalas como o nosso estudo efectuou. No entanto podemos concluir que o facto de se ter um colega com deficiência nas aulas de Educação Física tem uma influência significativa, quer na inclusão de alunos, quer na atitude desses alunos face à alteração de regras.

Em relação à variável atitude específica face à Educação Física, existem diferenças estatisticamente significativas no pós teste e não existem diferenças estatisticamente significativas no pré teste, o que nos leva a aceitar parcialmente a H₁₁ (Os alunos que têm colegas com deficiência nas aulas de EF têm atitudes mais favoráveis à inclusão nas aulas de EF). É de referir que aqui o pós teste apresenta valores médios superiores em relação ao pré teste. Este resultado pode dever-se à Semana da Educação Física Adaptada, que possibilitou aos alunos vivenciarem e passarem por dificuldades que não estão habituados, o que os levou a ter atitudes mais positivas face à inclusão. Também esta variável carece de estudos comparativos, pelos motivos já expostos anteriormente.

Uma vez que os valores médios são sempre superiores, em todas as variáveis, para os alunos com colegas com deficiência nas aulas de Educação Física, face aos que não têm colegas com deficiência, podemos concluir que a qualidade da experiência é influenciadora das atitudes dos alunos face à inclusão de alunos com deficiência. Esta atitude vai levar a uma via mais favorável para a integração, levando a atitudes mais positivistas face à inclusão. Estes resultados são suportados pela Teoria da Acção Reflectida (Ajzen & Fishbein, 1980), reformulada mais tarde para a Teoria do Comportamento Planeado (Ajzen 1985), que sugere que o comportamento é fortemente influenciado pela confiança que o sujeito tem nas suas capacidades. Esta teoria especifica que o factor pessoal e social influenciam a atitude do sujeito. É o factor pessoal que facilita a compreensão das atitudes dos alunos face à inclusão de alunos com deficiência.

No que respeita à variável nível competitivo e, em relação à variável dependente atitude total no pré teste, verificamos que existem diferenças estatisticamente significativas e, essas diferenças encontram-se entre os alunos não competitivos e os muito competitivos. Em relação à atitude total após a semana de intervenção já não existem diferenças estatisticamente significativas, o que nos leva a aceitar parcialmente a H₁₃ (Os alunos mais competitivos são menos favoráveis à inclusão de alunos com

deficiência do que os menos competitivos). Relativamente à variável dependente atitude específica face à Educação Física no pré teste, verificamos que existem diferenças estatisticamente significativas e, essas diferenças encontram-se também entre os alunos não competitivos e os muito competitivos. Em relação à atitude específica face à Educação Física no pós teste não existem diferenças estatisticamente significativas, o que nos leva a aceitar parcialmente a H_{14} (Os alunos mais competitivos, são menos favoráveis à inclusão na Educação Física, de alunos com deficiência do que os menos competitivos). Estes resultados vão de encontro aos estudos de Van Biesen et al. (2006), referindo que quanto mais competitivos se afirmam os alunos, menos atitudes positivas demonstram, no entanto é de referir mais uma vez que estes estudos não subdividiram a variável.

No que concerne à variável atitude face à alteração de regras no pré e pós teste, não se verificam diferenças estatisticamente significativas, o que nos leva a rejeitar a H_{15} (Os alunos mais competitivos são menos favoráveis à alteração de regras, quando há alunos com deficiência). Apesar de só haver diferenças estatisticamente significativas na atitude total e na atitude específica face à Educação Física, no pré teste, os valores médios são sempre superiores para os não competitivos, seguido dos mais ou menos competitivos e, por último os muito competitivos. De certa forma estes resultados vão ao encontro das nossas expectativas mas, no entanto mais uma vez vão contra o estudo de Van Biesen et al. (2006).

Quando correlacionadas as variáveis dependentes entre o pré e o pós teste, verificamos que existe uma correlação forte entre pares. O par um corresponde à atitude total do pré e pós teste. O par dois diz respeito às variáveis dependentes atitude específica face à Educação Física antes da semana de intervenção e após a semana de intervenção, por fim o par três corresponde às variáveis dependentes das atitudes face à alteração de regras no pré e pós teste.

No que concerne à comparação entre o pré teste e o pós teste, verificamos que para o par dois existem diferenças estatisticamente significativas, sendo as atitudes após a intervenção superiores à do pré teste, o que nos leva a aceitar a H_{17} (As atitudes no pós teste são superiores às do pré teste, relativamente à atitude específica face à EF). Tal atitude pode dever-se ao facto de os alunos terem tido a oportunidade de realizar numa aula de 90' e outra de 45' modalidades Paralímpicas como o Boccia, o Goalball, o

voleibol sentado, entre outras actividades adaptadas, como por exemplo, o “assalto ao castelo” e o Basquetebol em cadeira de rodas. Antes de iniciarmos as actividades práticas fizemos uma pequena abordagem teórica sobre o Desporto Paralímpico, onde mostrámos algumas modalidades olímpicas para pessoas com deficiência através do canal “Paralympic Sport TV”. Neste sentido houve uma mudança de atitude face à integração do pré para o pós teste.

Estes resultados são suportados pelos estudos de Jesina et al. (2006), que confirmam uma mudança positiva nas atitudes dos alunos através da intervenção, que foi efectuada entre o pré o pós teste. Os resultados obtidos para a H_{18} (As atitudes no pós teste são superiores às do pré teste, relativamente à atitude face à alteração de regras), não foram os esperados, o que nos leva a rejeitar esta hipótese. Apesar de haver diferenças estatisticamente significativas, essas atitudes no pré teste são superiores as do pós teste estes resultados podem ter acontecido pelo facto dos alunos após terem passado pela intervenção, não quererem que os colegas se sintam diferentes também nas regras do jogo. Esta atitude pode ser vista como uma atitude positiva por não quererem que os alunos se sintam diferentes dos outros.

Relativamente ao par um, apesar de não haver diferenças entre o antes e o depois, verificaram-se diferenças significativas nas suas subescalas como já foi referido. Neste sentido refutamos a H_{16} (As atitudes no pós teste são superiores às do pré teste, relativamente à atitude total). Estes dois últimos resultados vão contra os estudos de Jesina et al. (2006), que confirmam uma mudança positiva na intervenção dos alunos numa forma positiva nas atitudes dos alunos após a intervenção.

Concluimos então, pelos resultados obtidos, que as atitudes dos alunos face à inclusão de alunos com deficiência são moderadamente favoráveis. No universo do nosso estudo verificamos que não existem diferenças significativas face à variável género, ou seja o género não tem influência nas atitudes. Também os alunos que têm familiares, amigos ou na turma, pessoas com deficiência, não têm influência significativa nas atitudes. No que diz respeito à variável aula de Educação Física, concluimos que o facto de ter havido a presença de um aluno com deficiência nas aulas de Educação Física, influenciou os alunos a terem atitudes mais positivas do que aqueles que nunca tiveram essa experiência. No que concerne ao nível competitivo verificamos que os alunos mais competitivos demonstram menos atitudes positivas.

Relativamente às diferenças entre o pré e o pós teste, apesar de se esperar que os alunos registassem melhores resultados no pós teste, tal facto não se veio a registar. Apenas na variável atitude específica face à Educação Física se verificou uma melhoria.

Este estudo exploratório surge no âmbito da tentativa de melhoria e das atitudes dos alunos face à inclusão de alunos com deficiência, tendo ficado confirmada a importância de acções como a Semana da Educação Física Adaptada, para a formação de atitudes mais positivas perante a inclusão de alunos com NEE, nas aulas de Educação Física. Configura-se assim, a importância de investir numa intervenção especializada, quer ao nível da formação técnica, quer de formação prática, pois é fundamental para que todos os alunos garantam o respeito à diferença. Assim sendo, será mais fácil contribuir para o sucesso da implementação de políticas inclusivas.